

Professor de teatro em (trans)formação: a aula universitária como espaço de investigação

Vera Lúcia Bertoni dos Santos (UFRGS)
GT: Pedagogia do Teatro & Teatro na Educação
Palavras-chave: teatro, professor, ensino superior

No meu trabalho docente no ensino superior¹ tenho buscado compreender o processo de conhecimento numa perspectiva dialética, investigando a unidade do processo de ensino e aprendizagem sob os aspectos da interação entre o professor e os alunos que compartilham a experiência de sala de aula, entre o sujeito do conhecimento e o objeto a ser conhecido e entre os fazeres teóricos e práticos relacionados à formação do professor de teatro. Essa busca motivou uma pesquisa que se constituiu de modo a evidenciar a condição interacionista, relacional e processual da formação do professor de teatro. Tais aspectos, primordiais no trabalho pedagógico que desenvolvo na Universidade, foram amplamente discutidos na minha Tese de Doutorado².

Neste texto enfoco aspectos metodológicos da minha pesquisa – a formulação do seu problema, a enunciação das hipóteses do trabalho de investigação e das suas questões norteadoras e a caracterização da situação empírica que lhe forneceu o material para a análise – e compartilho algumas reflexões que ela me propiciou.

Como é que os sujeitos envolvidos no processo de formação do professor de teatro agem em favor da transformação das suas estruturas de conhecimento e da apropriação dos mecanismos da sua ação ou da coordenação de ações, de modo a realizarem aprendizagens no sentido amplo? Frente à realidade da minha sala de aula e ao comprometimento com a perspectiva construtivista, teoria que sustenta a minha ação pedagógica, a necessidade de elucidação desse problema central engendrou a dupla hipótese de que a formação docente é um processo permanente de construção que se realiza na estreita relação com as possibilidades de interação do sujeito do conhecimento com o objeto a ser conhecido; e que através dos fazeres da sala de aula é possível concretizar uma proposta de ensino e aprendizagem que signifique efetivas interações no sentido da transformação dos conhecimentos.

Considerada essa hipótese, levantei uma série de questões norteadoras do trabalho de investigação, tais sejam: Que aspectos determinam a constituição e a abordagem dos conteúdos na sala de aula? Que evidências atestam o caráter lúdico da experiência pedagógica? Como é que se constituem as relações entre os seus sujeitos e em que medida elas interferem na aprendizagem? Como é que se estabelecem as regras na prática educativa? Qual é o papel da cooperação no desenrolar do processo de formação do professor de teatro? Quais são as ações que promovem a reflexão desses sujeitos? Como é que se articulam as relações

¹ Atuo no Curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS desde 2001.

² A Tese “NO FIO DO EQUILIBRISTA: professor de teatro e construção de conhecimento” foi defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, sob orientação do professor Fernando Becker, tendo, como Banca Examinadora, os professores Ingrid Koudela, Darli Collares e Nilton Fischer.

entre teoria e prática,? Qual é o papel da avaliação no processo de aprendizagem? E, por fim, que aspectos evidenciam o comprometimento com a concepção de conhecimento como construção?

A compreensão dos processos deflagrados na minha sala de aula relacionou-se, portanto, à elucidação da dinâmica das ações que se desenrolaram no planejamento, na efetivação e na avaliação da prática pedagógica, originando tomadas de consciência dos futuros professores de teatro e desta professora, todos sujeitos da investigação. Essa busca de esclarecimento acerca de aspectos do processo de (trans)formação dos futuros professores e da minha própria construção como professora orientou a análise dos dados, que teve por base a perspectiva da Epistemologia Genética, não no sentido da aceitação de preceitos e normas, mas como elaboração conceitual dos conhecimentos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem e como conquista de um caminho investigativo adequado às minhas necessidades de reflexão.

Na prática, foi preciso enfrentar as dificuldades que a estrutura da universidade impõe à formação do futuro professor de teatro, dentre elas, o distanciamento entre a estrutura curricular do curso de bacharelado, e suas ênfases em direção e interpretação, e do curso de licenciatura, aspecto que tende a alimentar concepções equivocadas acerca do processo de construção desses profissionais.

Busco defender a idéia de que o professor de teatro é um pesquisador envolvido com a produção de conhecimento e que não pode ser considerado um profissional de *segunda classe* que *não precisa ir tão fundo nos conhecimentos específicos da área do teatro*. Penso no professor de teatro como alguém que construiu domínios fundamentais à expressão e compreensão de visões de mundo através da materialidade de uma determinada forma artística, mas, também, como um sujeito capaz de adaptar essa materialidade às necessidades de aprendizagem dos seus alunos, de modo a transformá-la, significando novas possibilidades de reflexão sobre o mundo. Tal perspectiva constitui a base da luta histórica do nosso curso de licenciatura, no sentido da inclusão de disciplinas de caráter prático, inerentes à formação de atores e diretores, no conjunto de disciplinas obrigatórias à formação dos professores.

Outra dificuldade que a estrutura da universidade impõe decorre da segmentação e da rigidez que caracterizam as disciplinas; tais aspectos, inerentes à formação acadêmica, exacerbam a falta de vínculos entre teoria e prática, limitando os processos de aprendizagem. Entendo que a teoria é produzida numa rede de relações que se estabelece na prática, e vice versa, e que somente a partir dessas relações é que as construções, as inferências e os saltos de qualidade se tornam possíveis.

Nos processos individuais investigados identifiquei ocasiões que propiciaram o estabelecimento de relações entre a vida (experiências do sujeito dentro e fora do espaço acadêmico) e os conteúdos que permitiram tomadas de consciência responsáveis pela transformação dos conhecimentos. Assim, considerando o meu trabalho pedagógico como objeto de estudo e reflexão, busquei reconstituir o cotidiano da sala de aula, apropriando-me dele e compartilhando-o. Esse acompanhamento das ações da aula universitária permitiu-me ampliar a compreensão do processo de formação acadêmica do professor de teatro, propiciando a qualificação do meu trabalho docente e da minha experiência de teatro e de vida.

O campo empírico da investigação é o trabalho que desenvolvo na disciplina de *Metodologia do Ensino do Teatro* que, na estrutura curricular do curso de Licenciatura em Teatro da UFRGS, compreende a

interseção dos conhecimentos sobre o fenômeno teatral e dos de cunho didático-pedagógico. Os expedientes pedagógicos que originaram os dados da análise foram concebidos com vistas à construção de conhecimentos e a partir da minha interação com a docência, ou seja, constituíram-se num espaço-tempo cujos limites são imprecisos, pois ultrapassam a experiência concreta da sala de aula. Busquei explorá-los com vistas a compreender e a explicar os múltiplos significados das ações empreendidas no sentido da transformação dos conhecimentos como necessidade dos sujeitos envolvidos nesse processo, permitindo a geração de novos percursos cada vez mais adaptados às suas necessidades de conhecimento.

Concorreram para a análise aspectos do método clínico ligado à Epistemologia Genética, refletidos através da reiterada leitura da obra de Jean Piaget e seus colaboradores e de estudos voltados à compreensão dos processos de aprendizagem e conhecimento.

Dentre as influências mais significativas à constituição da minha ação como pesquisadora dedicada ao estudo dos processos de transformação dos conhecimentos pela via interacionista identifico os trabalhos de Fernando Becker e, mais especificamente voltadas à construção do teatro, de Viola Spolin e Ingrid Koudela.

Procurei enfatizar o processo de aprendizagem na sua unidade e na sua delicadeza, compreendendo as dificuldades surgidas no decurso do processo, os conflitos advindos das relações interpessoais e as incoerências e contradições evidenciadas pelos sujeitos, como reações necessárias à superação do egocentrismo e à transformação dos conhecimentos.

Foi preciso desenvolver a capacidade de ver a mim mesma em ação, descentrar-me do meu ponto de vista, compreender os diversos interesses e pontos de vista dos alunos e coordená-los. Busquei compreender os diferentes meios utilizados para solucionar um problema, os olhares, as risadas, as ansiedades, as inquietações, as inseguranças, as críticas, e mesmo a falta de atenção, como manifestações do processo de aprendizagem, e não como entraves ao desenvolvimento do trabalho acadêmico.

A participação ativa, conquistada através da fala, da escrita e de outros meios de expressão, possibilitou aos sujeitos darem vazão a questionamentos e críticas que incentivaram a reflexão sobre o sentido das condutas evidenciadas na sala de aula. A reconstrução das ações enquanto possibilidade de compartilhamento, ou de cooperação, propiciou que os conhecimentos fossem elaborados num outro plano, significando a transformação na estrutura do pensamento dos sujeitos e, paradoxalmente, na estruturação dos objetos de conhecimento, numa ação estruturada e, ao mesmo tempo, estruturante. Para Piaget (1968, p. 114), “o sujeito existe porque, de maneira geral, o ‘ser’ das estruturas é sua estruturação” e “uma atividade estruturante não pode consistir senão em um sistema de transformações” (Piaget, 1968, p. 12).

A análise das (trans)formações que caracterizaram o processo de estruturação dos meus alunos e a tomada de consciência da minha ação pedagógica levaram-me a explicitar questionamentos, conflitos, incertezas, angústias, convicções e ideais que motivam o meu trabalho docente, proporcionando a reconstrução da experiência cooperativa da sala de aula universitária. As relações construídas nesse espaço alimentam as minhas reflexões sobre teatro e educação. É nele que me faço e refaço, que me (trans)formo professora de teatro.

Bibliografia

PIAGET, Jean. [1968] **O estruturalismo**. São Paulo, Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.